

## DIREITO À MEMÓRIA

Tânia Miranda, historiadora, mestre em educação.  
tania.miranda@terra.com.br

*Quero dar uma sepultura digna para os meus filhos*, dizem mães e pais dos mortos e desaparecidos, 38 anos após o final dos confrontos armados. À dor da perda dos filhos soma-se ainda a angústia pela falta de informações sobre as circunstâncias, datas e locais em que as mortes ocorreram. O lamento dessas famílias é um grito de exigência pela abertura dos arquivos da ditadura militar no Brasil, para permitir que esses sofridos familiares enterrem dignamente seus filhos.

A presença em Salvador, nesta semana, do Ministério da Justiça através da Comissão da Anistia para, em audiência pública, apreciar casos baianos de pedidos de reparação, reacendeu o tema da abertura desses arquivos. Na primeira parte da sessão, vários pronunciamentos foram enfáticos em relação ao assunto. Ficou evidente a necessidade de uma ampla mobilização em prol dessa luta. Na condição de sobreviventes da resistência à ditadura militar, é nosso dever buscar a abertura dos arquivos da repressão na Bahia. É nosso dever ajudar famílias baianas a enterrarem seus mortos de forma digna. Não é justo privar gerações de baianos do direito de conhecer a sua própria história.

Não se trata de identificar mocinhos e bandidos explicando a história pela luta do bem contra o mal. Esse jogo mais mascara do que esclarece sobre estruturas e processos históricos. Trata-se, sim, de trazer para a atualidade a memória da resistência à ditadura militar no Brasil. E assim, chamar a atenção para atores sociais de movimentos organizados por setores não-privilegiados da sociedade, que são tradicionalmente excluídos da história oficial. Ou quando lembrados, são relegados à condição de bandidos derrotados pelos corajosos mocinhos. E como derrotados, devem ser condenados ao silêncio e ao esquecimento. É imperativo ficar atento a esse jogo dialético entre a memória e o esquecimento, para impedir que o esquecimento ganhe a partida.

Não se pode esquecer. Ninguém sai incólume de uma história de vida clandestina. História marcada pela esperança e pelo terror. A esperança em realizar o sonho de um mundo com direitos iguais para todos. O terror da ação repressora, em seu estado mais bruto. A ditadura militar foi responsável por torturas e por mortes de companheiros com quem convivemos, com quem lutamos lado a lado. A nossa geração resistiu bravamente. Parte dela tombou, tragicamente, no meio do caminho. Nesse sentido, a abertura dos arquivos baianos será também uma homenagem à memória daqueles que fizeram a história recente do país e, precocemente, perderam a vida em nome do que acreditavam. Adicionalmente, arquivos abertos poderão servir para recompor histórias individuais ou coletivas e possibilitar reparações.

D. Paulo Evaristo Arns nos ensina: *Os povos que não podem ou não querem confrontar-se com seu passado histórico estão condenados a repeti-los.*

Publicado pelo jornal A Tarde, Bahia, em 13/09/2008.